

18 anos de história: a falsa democracia racial e a presença do negro como protagonistas nas telenovelas das 8 e 9 da Rede Globo de 2000 a 2018¹

Joyce Layanne Do Nascimento NUNES²

Luana Kessia ARAUJO³

Lucas André Ferreira SEREJO⁴

Lucas Melo VIEIRA⁵

Luiz Gabriel Bastos CUTRIM⁶

Patricia Rakel de Castro SENA⁷

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA.

RESUMO

Este artigo busca evidenciar a falsa ideia de democracia racial, a quantidade atores negros como protagonistas do horário nobre, novela das oito e nove, da Rede Globo e como esses são construídos. Em 18 anos, 2000 a 2018, das trinta e uma produções para o horário apenas três tinham protagonistas negros. Utilizamos Stuart Hall (1999) para explicar a influência da telenovela na construção da identidade do brasileiro. Usamos o levantamento documental no site Memórias Globo das novelas das oito e nove, com seus protagonistas, tabelamos e analisamos a construção dos personagens de destaque das 3 novelas com protagonistas negros, através da análise de conteúdo. O problema proposto tem relevância, ao passo que, as produções acabam contribuindo para essa falsa democracia racial, o que esconde a desigualdade nas novelas e na mídia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: democracia racial; mídia; negro; protagonistas; telenovela.

1 A TELENOVELA COMO CONSTRUTORA DE IDENTIDADES E DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Stuart Hall (1999) destaca que a “[...] As identidades modernas estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 1999, p. 8), o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, têm identificações temporárias. Isso acontece devido ao processo de modificação que a estruturas e os quadros de referências estão passando e que

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: layanne.jnunes@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: luana_kessia_araujo@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 10º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: lucasafs.bone@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: lucasmelo31@hotmail.com

⁶ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFMA, e-mail: emailcutrim@gmail.com

⁷ Orientadora. Doutora em Comunicação pela UFPE e em Ciência da Comunicação pela UBI/Portugal. É professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFMA, onde coordenada a linha de pesquisa MID – Mídia e Democracia, do Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação. E-mail: rakeldecastro@gmail.com.

até então davam estabilidade para o indivíduo no mundo social. A essas transformações, o autor (1999) vai chamar de crise de identidade:

Um tipo diferente de mudança social está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 1999, p. 09)

O advento de novos campos sociais, a partir da pós-modernidade, faz com que os sujeitos passem a se identificar com esses multicampos. O campo midiático não poderia estar isento da contribuição na formação da identidade do indivíduo. Segundo Esteves (1999) “a mídia cumpre funções sociais básicas como a reprodução cultural, a socialização e a integração social dos indivíduos” (*apud* BRANDÃO e FERNANDES, 2007, p.03); além disso, para o autor (1999), é necessário repensar esse papel da mídia, haja vista que vivemos em uma sociedade midiática e consumista.

Nesse sentido, especificamente em se tratando da Construção Social da Realidade e do lugar de referência que a televisão ainda ocupa; segundo Brandão e Fernandes (2007) a televisão, não busca intervir na realidade, mas construí-la, por isso, “a televisão não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real. Sendo essa construção perpassada nitidamente por processos de controle político da realidade que objetivam homogeneizar o coletivo” (BRANDÃO e FERNANDES, 2007, p. 4). A telenovela, então, contribui para a construção desses valores e da alteridade do indivíduo. É comum vermos produções de teledramaturgia lançar jargões, moda e contribuir na formação do pensar e agir dos telespectadores:

A telenovela é responsável por elaborar e propagar modelos identitários que serão referência para o espectador, tanto quanto os bordões ou os acessórios usados por um determinado personagem. E diferente da atuação de filmes, espetáculos esportivos ou programas humorísticos, a telenovela é presença diária no cotidiano do brasileiro há quase 50 anos fato que potencializa sobremaneira seu campo de interferência no imaginário nacional. Podemos dizer que as telenovelas constroem a realidade e, ao mesmo tempo, alimentam-se do real. (BRANDÃO e FERNANDES, 2007, p. 5)

Um dos principais discursos arrogados pelas telenovelas é a da democracia racial. Apesar das campanhas de combate ao racismo apresentadas em algumas narrativas, o que se

observa é o baixo índice de negros em papéis de destaque – protagonista –, nas novelas exibidas na faixa das 20h/21h da Rede Globo⁸, o que corrobora na afirmação de que a democracia racial não passa de um mito.

Mas o mito da democracia racial, ou seja, o discurso em que se nega ou se ameniza a discriminação racial ou a presença do preconceito no país, tem em uma de suas raízes o livro de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1993). Todavia, desde o período imperial, o Brasil é tido como paraíso das raças. No livro *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada: século XIX*, Azevedo (1996), traz uma comunicação entre um norte-americano e um abolicionista brasileiro. O estrangeiro afirma:

Duvido que tenha jamais existido um povo mais tiranizado, mais desavergonhadamente pisado e impiedosamente usado, do que as pessoas livres de cor destes Estados Unidos. Mesmo um país católico como o Brasil [...] não trata as suas pessoas de cor, livres ou escravas, do modo injusto, bárbaro e escandaloso como nós a tratamos [...]. A América democrática e protestante faria bem em aprender a lição de justiça e liberdade vinda do Brasil católico e despótico (AZEVEDO, 1996 *apud* CHAVES, 2008, p. 13).

Esta suposta democracia, igualdade racial, é ainda hoje sustentada pelas telenovelas⁹, porém, de acordo com o que se observa nas 31 produções exibidas no chamado *horário nobre* pela emissora entre 2000 e 2018, é que apenas três protagonistas eram negros, sendo elas: Helena (Taís Araújo) em *Viver a Vida*, 2009; Regina (Camila Pitanga) em *Babilônia*, 2015 e Maria Tereza (Camila Pitanga) em *Velho Chico*, 2016. Além disso, é comum observarmos a reafirmação de estereótipos raciais e o “embranquecimento” do negro como aconteceu em *Viver a Vida*.

1.1 Processo de construção da democracia racial a partir de conceitos éticos

Kant propõe a constituição de uma ética que parte da ideia de que o homem não escapa do imperativo categórico. Remete que a capacidade que o homem tem de diferenciar o certo do errado é inata, ou seja, já nasce com ele. Sendo assim, a moral humana independe da experiência, pois já nascemos com ela. Sendo anterior à experiência, ela é “formal” e vale

⁸ Em 2007, o ministério da Justiça reclassificou a novela *Duas Caras* para maiores de quatorze anos, devido aos temas abordados na trama, desta forma só poderia ser exibida após as 21 horas, porém, a Rede Globo continuou usando o termo novela das oito para nomear as novelas após o *Jornal Nacional*, a nomenclatura só veio mudar em 2011, em que se passou a utilizar novela das nove, haja vista que a novela começava após esse horário.

⁹ A novela *Segundo Sol* sofreu críticas sobre a escolha de atores brancos interpretarem baianos, estado onde a maioria é negro. O Ministério Público do Trabalho enviou uma carta com recomendações a emissora, entre elas a de incluir atores negro na trama. Todavia a Rede Globo reiterou o discurso de respeito as diversidades. "Recebemos na data de ontem (sexta-feira, 11) a Nota Recomendatória do Ministério Público do Trabalho, mas reafirmamos que a Globo respeita a diversidade e repudia qualquer tipo de preconceito e discriminação, inclusive o racial" (Rede Globo *apud* OAKES, 2018)

para todas as pessoas, onde quer que elas estejam e em qualquer tempo. É um dever, sobretudo.

Todos os imperativos são expressos pelo verbo (dever) e indicam, por esse modo, a relação entre uma lei objetiva da razão e uma vontade que, por sua constituição subjetiva, não é necessariamente determinada por essa lei (uma coação). Declaram eles, que seria bom fazer tal coisa ou abster-se dela, mas declaram-no a uma vontade que nem sempre faz uma coisa, porque lhe é apresentada como boa para ser feita. (KANT, 2009, p. 50.).

O indivíduo que coage ou permite esse comportamento dentro do ambiente das telenovelas age por puro instinto moral. Por isso, os imperativos são fórmulas que exprimem a relação entre as leis objetivas do querer, em geral e a imperfeição subjetiva da vontade deste ou daquele ser racional. No intuito de agir de acordo com a máxima de que ação individual se torne uma lei universal, a sociedade sustenta a democracia racial e as diferenças se tornam extenuantes no sentido de que a participação do negro nesse meio se torne um processo inapto ao seu costume.

1.2 Representatividade: o impacto da narrativa e a construção do personagem negro nas telenovelas na sociedade

Atualmente, porque ainda temos rastros da escravidão na sociedade brasileira, a representatividade negra é algo de extrema importância a ser discutida, de modo a garantir a projeção da raça na sociedade.

Jodelete (1984) conceitua representação social como:

[...] uma forma de conhecimento específico, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais abrangentemente, ela designa uma forma de pensamento social. As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientado para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tal, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. A marca social dos conteúdos ou dos processos da representação remete às condições e ao contexto das quais emergem as representações, às comunicações pelas quais elas circulam, às funções que elas têm na interação com o mundo e com os outros (JODELET, 1984, pp. 361-362).

Neste caso, a autora acredita que a representatividade é a maneira que o sujeito apreende a vida cotidiana, da nossa experiência, das informações que recebemos e transmitimos, tanto pela tradição oral, quanto educação ou meio de comunicação.

Desta forma, a narrativa das novelas pode construir novas identidades e formas de representação, como vimos em Hall (1999), o campo das mídias sociais também influencia nessa formação da identidade do sujeito. Uma das consequências do poder da mídia na questão da representatividade é a determinação de como é o comportamento daquela classe ou etnia.

Nas novelas, isso se torna visível quando as expressões da cultura negra e até a construção do personagem é representada de forma discriminatória e/ou estereotipada. Pereira (2001) afirma: “os negros são representados de maneira estereotipada como se isto fosse uma verdade dada a *priori* e aceita pela sociedade como justificativa para admitir que a inferioridade dos negros parece ser incontestável” (*apud* GRIJÓ; SOUSA, 2011, p. 3). Portanto, as telenovelas se tornaram um espaço de criação de uma falsa identidade do negro, em que o que se vê geralmente é o preconceito de raça, sendo explícito ou velado e que acaba influenciando o modo de ser da sociedade.

2 METÓDOS E TÉCNICAS UTILIZADAS.

Para atender ao nosso objetivo, analisar a presença dos negros como protagonistas das telenovelas das 8 e 9 da rede globo de 2000 a 2018 e como isso contribui para a construção do mito da democracia racial, utilizamos a técnica de pesquisa documental para fazer o levantamento das novelas que tinham protagonistas negros.

Segundo Oliveira (2007) esta técnica metodológica “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (*apud* SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 6). Além disso, A Associação de Arquivistas Brasileiros (1900) define que documento é qualquer informação fixada em um suporte (*apud* SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 8).

O levantamento foi feito no período de 29 e 30 de novembro de 2018, no site Memória Globo¹⁰, observou-se que no período de 2000 à 2018 foram produzidas 31 novelas¹¹, no horário nobre, como mostra a Tabela 01:

Tabela 01: Lista de novelas das 20h e 21h da Rede Globo com seus protagonistas e antagonistas

Nº	Novela	Ano de Exibição	Protagonistas e Antagonistas
1	Laços de Família	2000 – 2001	Helena - Vera Fischer

¹⁰ <http://memoriaglobo.globo.com/>

			Camila - Carolina Dieckmann Edu - Reynaldo Gianecchini
2	Porto dos Milagres	2001	Guma - Marcos Palmeira Félix - Antônio Fagundes Adma (Cassia Kiss)
3	O clone	2001 – 2002	Jade - Giovanna Antonelli Lucas e Léo - Murilo Benício
4	Esperança	2002 – 2003	Toni - Reynaldo Gianecchini Maria - Priscila Fantin Camili- Ana Paula Arósio
5	Mulheres Apaixonadas	2003	Helena – Cristiane Torloni Téo – Tony Ramos César – José Mayer
6	Celebridade	2003 – 2004	Maria Clara Diniz – Malu Mader Laura – Cláudia Abreu Fernando – Marcos Palmeira Renato – Fábio Assunção
7	Senhora do Destino	2004 – 2005	Maria do Carmo – Susana Vieira Nazaré Tedesco – Renata Sorrah
8	América	2005	Sol – Deborah Secco Tião – Murilo Benício Ed – Caco Ciocler May – Camila Morgado
9	Belíssima	2005 – 2006	Júlia – Glória Pires Bia Falcão – Fernanda Montenegro Vitória – Cláudia Abreu Nikos – Tony Ramos
10	Páginas da Vida	2006 - 2007	Helena – Regina Duarte Marta – Lilia Cabral Olívia – Ana Paula Arósio Leonardo – Thiago Rodrigues Nanda – Fernanda Vasconcellos
11	Paraíso Tropical	2007	Paula e Tais – Alessandra Negrini Daniel Bastos – Fábio Assunção Antenor – Tony Ramos
12	Duas Caras	2007 – 2008	Maria Paula – Marjorie Estiano

			Marconi Ferração/Adalberto Rangel - Dalton Vigh
13	A Favorita	2008 – 2009	Flora – Patricia Pilar Donatela – Cláudia Raia Lara – Mariana Ximenes
14	Caminho das Índias	2009	Maya – Juliana Paes Raj Ananda – Rodrigo Lombardi BahuanSundrani – Márcio Garcia
15	Viver a Vida	2009 – 2010	Helena – Taís Araújo Luciana – Aline Moraes Marcos – José Mayer Jorge e Miguel - Mateus Solano Bruno - Thiago Lacerda
16	Passione	2010 – 2011	Totó – Tony Ramos Beth Gouveia – Fernanda Montenegro Clara – Mariana Ximenes Fred – Reinaldo Gianecchini
17	Insensato Coração	2011	Marina – Paola Oliveira Leo – Gabriel Braga Nunes Pedro – Eriberto Leão
18	Fina Estampa	2011 – 2012	Griselda- Lilia Cabral Teresa Cristina – Cristiane Torloni René Vermont – Dalton Vigh
19	Avenida Brasil	2012	Carminha – Adriana Esteves Rita e Nina – Débora Falabela Tufão – Murilo Benício Jorginho – Cauã Reymond
20	Salve Jorge	2012 – 2013	Morena – Nanda Costa Lívia Marine – Cláudia Raia Théo – Rodrigo Lombardi
21	Amor à Vida	2013 – 2014	Paloma – Paola Oliveira Bruno - Malvino Salvador Félix – Mateus Solano
22	Em Família	2014	Helena - Júlia Lemmertz Laerte – Gabriel Braga Nunes Virgílio – Humberto Martins

			Luíza – Bruna Marquezine
23	Império	2014 – 2015	José Alfredo – Alexandre Nero Maria Marta – Lilia Cabral Cristina – Leandra Leal Cora – Drica Moraes e Marjorie Estiano
24	Babilônia	2015	Inês – Adriana Esteves Beatriz – Glória Pires Regina – Camila Pitanga
25	A Regra do Jogo	2015 – 2016	Toia – Vanessa Giacomini Romero – Alexandre Nero Atena – Giovanna Antonelli
26	Velho Chico	2016	Afrânio – Antônio Fagundes Maria Tereza – Camila Pitanga Santo – Domingo Montagner
27	A Lei do Amor	2016 – 2017	Pedro – Reinaldo Gianecchini Helô – Cláudia Abreu Magnolia – Vera Holtz Tião Bezerra – José Mayer
28	A Força do Querer	2017	Ritinha – Isis Valverde Zeca – Marco Pigossi Ruy – Fiuk Jeiza – Paola Oliveira
29	O Outro Lado do Paraíso	2017 – 2018	Clara – Bianca Bin Gael – Sérgio Guizé Renato – Rafael Cardoso Patrick – Thiago Fragoso Sophia – Marieta Severo
30	Segundo Sol	2018	Luzia – Giovanna Antonelli Beto Falcão – Emílio Dantas Karola – Debora Secco Laureta – Adriana Esteves
31	O Sétimo Guardião	Atualmente	Luz – Marina Ruy Barbosa Gabriel – Bruno Gagliasso Valentina – Lilia Cabral

Fonte: os autores (2019).

Destas, apenas 3 tinham protagonistas negros, como são apresentadas a seguir:

2.1 Viver a Vida – A primeira Helena Negra

Helena (Taís Araújo) é uma supermodelo jovem e decidida, que sempre obteve sucesso na sua vida pessoal e profissional. Quando ela se apaixona por Marcos (José Mayer) – um homem vinte anos mais velho – sua vida começa a mudar. Marcos acaba de terminar um casamento de 30 anos com Tereza (Lília Cabral), mãe das suas três filhas – sendo uma adotada.

O primeiro encontro de Helena com seu par romântico foi em Búzios, cidade natal onde a protagonista cresceu, porém, a modelo mora no Jardim Botânico, em um apartamento que divide com a amiga e confidente Ellen (Daniele Suzuki). Embora seja bem-sucedida e tenha aparentemente uma boa vida, Helena carrega um trauma: ela fez um aborto em troca de um contrato de moda internacional, além de, uma irmã que se envolve com traficantes.

2.2 Babilônia – Regina, a faceta da ambição boa

Regina (Camila Pitanga), moradora do morro da Babilônia, no Rio de Janeiro, tem seus sonhos mudados, de ser médica, quando engravida do malandro Luís Fernando, sem saber que ele é casado. De origem humilde e incapaz de passar por cima de alguém para conseguir o que quer, ver seu mundo desmoronar quando se depara com a morte de seu pai, Cristóvão. A partir deste momento, ela busca justiça para o crime. Nas areias da praia do Leme, ela trabalha em uma barraca, e acaba se apaixonando por Vinícius. Com a ajuda dele, ela consegue descobrir que Beatriz matou seu pai. No final da trama ela se torna gerente do restaurante Estrela Carioca e modelo, casa com Vinicius e engravida. A temática da trama aborda as faces da ambição representada pelas três protagonistas, Beatriz, Inês e Regina. A última representa a ambição “boa”, conseguir o que quer com seu esforço, sem passar por cima de ninguém.

2.3 Velho Chico – Maria Tereza – A mulher de coragem

Com o Rio São Francisco como pano de fundo da novela, o amor proibido de Maria Tereza (Camila Pitanga) e Santo enfrenta grandes problemas devido ao ódio de duas famílias. No passado, o pai de Tereza, o coronel Saruê (Antônio Fagundes) separa os dois e a manda para um convento, lá ela descobre que está grávida de Santo, porém, uma série de armações de Luzia, que nutria sentimentos por Santo, faz com que o rapaz nunca descubra a paternidade. Anos depois da separação, Maria Tereza, volta para Grotas do São Francisco, cidade onde

passa a novela, casada com Carlos Eduardo e o filho Miguel. Ao reencontrar Santo no rio, a paixão dos dois reacende e os dois lutam para ficar juntos. Com a personalidade forte, Maria Tereza é capaz de enfrentar a própria família para viver o amor.

Uma vez delimitados os enredos que construíram as três novelas aqui estudadas, no próximo tópico iremos analisar o conteúdo das três personagens para ver se fogem dos estereótipos da etniana negra ou se os reforçam; além disso, iremos observar se aconteceu chamado “embranquecimento” destes personagens. O tratamento será feito sob a perspectiva de Análise de conteúdo da autora Laurence Bardin (1977).

3 A ANÁLISE DO CONTEÚDO

Segundo Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo divide-se em três partes: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento de resultados. Esta análise iniciou-se quando a equipe explorou os documentos disponíveis – como o site *Memória Globo* e o acervo digital da empresa. Em seguida, definimos nossos objetivos, no qual foi acordado que deveríamos apontar como a representação dos poucos protagonistas de novelas negras do horário nobre contribuiu para o entendimento de que a democracia racial, na televisão, é um mito, explorado no segundo capítulo.

Bardin (1977) afirma que toda análise de conteúdo é uma interpretação, funcionando como um juízo de valor onde escolhemos pontos de um determinado objeto de estudo para serem analisados e avaliados, seguindo os critérios definidos anteriormente para dizer se o objeto se cumpre ou não os requisitos. No nosso artigo, resolvemos analisar a partir de dois pontos, ou codificação¹²: 1) embranquecimento; 2) estereótipos do negro, que aparecem com grande frequência nas três novelas observadas.

3.1 Embranquecimento

O branqueamento dos negros nas novelas é visto quando a elite branca é tratada como padrão universal pela população, se referindo como superior a outras etnias, é “modelo branco de beleza, que considerado como padrão, pautava o comportamento e a atitude de muitos negros assimilados” (DOMINGUES, 2002, p. 573). Isso leva a desvalorização do negro como

¹² A codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas- dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (...) (BARDIN, 1977, p. 103).

um todo, e isso atinge sua estética, seus comportamentos e seus padrões. E como as novelas são baseadas na realidade, o mundo fictício também traz um pouco desse conceito.

O negro ao interpretar personagens é tido com papéis subalternos, negativos, subordinados a pessoas brancas, empregados, com baixa renda, má índole e tendo seu corpo em destaque com aspectos de sensualidade e demais estereótipos.

Na novela “Viver a Vida”, a personagem Helena é a primeira negra escolhida pelo escritor Manoel Carlos dentre tantas Helenas brancas. Ao analisar seu papel, conhecemos alguém que tem um alto padrão de vida, diferente das outras Helenas trazidas pelo escritor que eram sofridas e batalhadoras, dos poucos traços que podem ser identificados como elementos que valorizaram a etnia negra é o fato dela ter tido seu cabelo crespo mantido. Porém a novela não trouxe debates raciais em seu roteiro além de não dar o destaque merecido pela personagem, que perdeu espaço para a Luciana, coadjuvante.

Apesar da ascensão social, o que percebemos, quando analisamos a protagonista de Viver a vida, é uma negra de alma branca, Fernandes (1965) relata que “Os casos de ascensão social de pessoas de cor não enriqueciam o grupo social dos negros, uma vez que as pessoas de cor que ‘subiam um degrau’ eram encaradas como ‘negros de alma branca’” (FERNANDES, 1965 *apud* CHAVES, 2008, p. 14)

Além disso, o colonialismo e escravidão ainda se mostra presente. Em uma cena da novela, fica claro a demonstração da relação de superioridade do branco em relação ao negro, comum na época colonial. A sequência mostra Helena, de joelhos, pedindo perdão por todas as acusações feitas por Teresa (Lilia Cabral), a qual devolve-lhe o pedido com um tapa no rosto (Figura 01). A sequência ocorreu na semana da Consciência negra, na qual confirma que a contemporaneidade não mudou a posição do negro nas novelas e tenta a todo custo inferiorizar a etnia.

Figura 01: Helena leva tapa de Tereza



Fonte: Rede Globo / Site Correio 24 horas (2009).

Na novela *Velho Chico* o embranquecimento da atriz Camila Pitanga também foi observado. Esse caso parte do fato de nas outras fases da novela, o personagem Maria Tereza ser interpretado por mulheres brancas, como a Julia Dalavia, que já tinha interpretado a personagem Helena, na novela *Em Família*, que depois passou a ser de Júlia Lemmertz.

Para Kant (2012), tanto a questão do embranquecimento, quanto a de estereotipação, que será abordado a seguir, é antiético, ao passo que, quando abordamos o parâmetro ético filosófico do autor, nos deparamos com a questão da universalidade do pensamento e os juízos de valor estabelecidos e galgados pela sociedade, e mais precisamente pela supostademocracia racial moldada nas telenovelas.

A experiência não fornece nunca juízos com uma universalidade verdadeira e rigorosa, mas apenas com uma generalidade suposta e relativa (por indução), o que propriamente quer dizer que não se observou até agora uma exceção a determinadas leis. Um juízo, pois, pensado com rigorosa universalidade, quer dizer, que não admite exceção alguma, não se deriva da experiência e sem valor absoluto a priori (KANT, 2012, p.09)

O central para a filosofia ética de Kant é a visão de que ações corretas são aquelas ações que não são instigadas por impulsos ou desejos, mas pela razão prática. A ação correta é certa se for empreendida por uma questão de cumprir o seu dever, e cumprir o dever significa agir de acordo com certas leis morais ou imperativos.

3.2 Reafirmação de estereótipos

Mesmo com o embranquecimento da protagonista Helena em *Viver a Vida*, a personagem não escapou de alguns estereótipos sobre a etniana negra. Segundo Mazzara (1999) o estereótipo “é um conjunto coerente e bastante rígido de crenças negativas que um certo grupo compartilha em relação a outro grupo ou categoria social” (*apud* CHINEN, 2013, p. 39). Desta forma, o que se observa é que as tramas dos negros em novelas estão sempre ligadas a morros¹³, lugares periféricos ou crimes.

Na trama a irmã da protagonista é namorada de um bandido. No primeiro capítulo, Manoel Carlos, como em outras novelas, mostra algumas dicotomias. Nesta novela, ele mostra Helena como supermodelo, e a irmã, Sandrinha, fugitiva da polícia. As primeiras cenas se passam em na cidade de Búzios (RJ) e há a alternância das cenas com o morro em que

¹³ Quando nos referirmos a morros ou regiões periféricas, não estamos dizendo que estes lugares são depreciativos para os negros, mas como eles são retratados nas novelas sim, geralmente são lugares onde a violência é demasiada, sem mostrar o lado bom que eles têm, e quando se faz é de forma tímida.

Sandrinha mora. O que demonstra que mesmo quando um negro ascende socialmente, sempre tem a ligação com estereótipos.

Em Babilônia, Regina, vivida por Camila Pitanga, é moradora do morro da Babilônia no Rio de Janeiro- RJ, uma mulher pobre, mãe solteira:

Regina é incapaz de passar por cima de alguém para realizar seus desejos. De origem humilde, ela abandona seus sonhos após engravidar do malandro Luís Fernando (Gabriel Braga Nunes), perder o pai e ir morar no morro da Babilônia. É a morte de Cristóvão (Val Perré), motorista de Evandro e pai de Regina, que entrelaça a vida das três mulheres. Além de mostrar [...] a busca de Regina por justiça, em função do assassinato do pai. (MEMÓRIA, 2015)

Ou seja, parece que negro não mora em outro lugar, a não ser em morro. O que se observa é que, mesmo com o baixo número de produções no horário nobre protagonizadas por negros, quando acontece sempre estão associados aos clichês e estereótipos associadas a cor ou a um ideal de embranquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Quase vinte anos de século XXI. Trinta e uma novelas das oito produzidas. Três negros protagonistas.

Observamos uma grande disparidade de números entre protagonistas brancos e negros, como evidenciado na Tabela 01. Além da falta de representatividade, vimos no artigo que a pequena - em questão de números - representação que os negros têm em telenovelas das 20h e 21h é problemática, com o arco de enredo do personagem negro buscando - conscientemente ou não - o embranquecimento.

Seja culposamente ou propositalmente, a carga estereotipada presente nos poucos protagonistas negros das telenovelas do horário nobre da Rede Globo de Televisão nos dá à luz de que a democracia racial é uma questão que vai além do caráter quantitativo. O qualitativo – como os negros são representados – pesa tanto quanto.

Desta forma, podemos afirmar que o objetivo de analisar a presença dos negros como protagonistas das telenovelas das 8 e 9 da Rede Globo de 2000 a 2018 e como isso contribui para a construção do mito da democracia racial, foi alcançado, haja vista que, apesar do discurso de respeito a diversidade de raças produzido pela Rede Globo, como a campanha publicitária “tudo começa pelo respeito”¹⁴ (2016), ainda está longe de haver uma igualdade de protagonismo entre negros e brancos nas novelas das oito e nove do canal carioca. Esperamos

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qECJV7Ug-xA>>

que não tenha mais 18 anos de desigualdade entre negros e brancos na teledramaturgia brasileira.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. França: Edições 70, 1977. 229 p.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**: Representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013. 296 p. Tese de Doutorado (Doutorado em ciência da comunicação)- Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-21082013-155848/publico/Nobuyoshi.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

FARIA, Maria Cristina Brandão de; FERNANDES, Danubia de Andrade. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, [S.l.], p. 1-15, ago. 2007. Disponível em: <<http://file:///C:/Users/Lucas%20Andr%C3%A9/Downloads/178-Texto%20do%20artigo-532-1-10-20080621.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FERREIRA, C. S. M.; SILVA, R. P. S. **Protagonismo na teledramaturgia brasileira**: o negro no mundo ficcional do branco. Encontro nacional de história da mídia. 11. ed., São Paulo, 2017.

GOES, Tony. A Globo quer embranquecer Camila Pitanga?. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 abr. 2016. Editorial, p. 1. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2016/04/10001513-a-globo-quer-embranquecer-camila-pitanga.shtml>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F.; **Onegro na telenovela brasileira: A representação nas telenovelas da TV Globo na década de 2000**. In: XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais eletrônicos... Recife: UFRGS, UFG, 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2918-1.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2018.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. 1. ed. [S.l.]: Editora Nacional, 2009. 138 p.

MACHADO, Maria Laura Barbosa. **O negro na mídia brasileira**. 2008. 40 p. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda)- Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/home/>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

OAKES, Erik. "**Segundo Sol**" estreia com polêmica de branqueamento. Veja outros exemplos. [S. l.], 14 maio 2018. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/entretenimento/cultura/2018/05/segundo-sol-estreia-com-polemica-de-branqueamento-veja-outros-exemplos-1014131170.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Representação social e a relação indivíduo-sociedade. **Temas em Psicologia**, [S. l.], ano 1994, n. 3, p. 133-142, 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v2n3/v2n3a13.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SILVA, Jackson Ronie Sá; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de Almeida; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-15, jan. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

SILVA, S. A. A Personagem Negra Na Telenovela Brasileira: “Viver a Vida” e a Primeira Protagonista Negra No Horário Nobre da Globo. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE**, 21., 2016, São Paulo. Anais eletrônicos... Minas Gerais: UFOP, 2016. Disponível em <<HTTP://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0005-1.pdf>>. Acesso em: 07/12/2018.